

# O Ensino Remoto Emergencial Aplicado no Período Pandêmico (2020-2021): uma Proposta Inspirada na Educação a Distância

## *Emergency Remote Teaching Applied in the Pandemic Period (2020-2021): a Proposal Inspired by Distance Education*

ISSN 2177-8310  
DOI: 10.18264/eadf.v14i2.2244

Rosa Maria Garcia MONACO\*<sup>1</sup>  
Niely Natalino de Freitas LEYENDECKER<sup>1</sup>  
Marcela COCKELL<sup>1</sup>

\*Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Rua São Francisco Xavier, 524. Rio de Janeiro - RJ, Brasil.

[\\*rosamonacoprofa@gmail.com](mailto:rosamonacoprofa@gmail.com)

### Resumo

Este artigo analisa as contribuições da educação a distância ao ensino remoto emergencial (ERE), método amplamente utilizado no período da pandemia da COVID-19 (2020-2021). As colaborações da educação a distância, modalidade de ensino já consolidada no campo educacional, adaptaram-se às práticas escolares existentes, criando diferentes demandas. Os contrapontos do espaço escolar e o espaço virtual, recursos, linguagens, ambiente e interação mostram-se diferentemente nessas iniciativas não presenciais de ensino. Sendo assim, na EaD, ações e práticas são previstas a partir de um planejamento didático em tempos e espaços distintos, enquanto o ERE caracteriza-se como uma nova forma de virtualizar o ensino praticado em sala de aula. Compreendemos que o advento de novos contextos virtuais pedagógicos evidenciou uma urgência de adaptação às novas ferramentas tecnológicas e a uma nova materialidade, como a cultura de tela, por exemplo. Discutiremos o impacto da cultura digital no ensino e nas relações pedagógicas, mobilizando desafios no campo educacional e na sociedade. Para isto, analisamos os discursos (Foucault, 2007) e suas representações (Chartier, 1990), a partir de ocorrências no jornal O Globo (online), entre 19/03/2020 a 08/03/2021, em um momento histórico desafiador e incerto, no qual a cultura digital mobilizou práticas pedagógicas.

**Palavras-chave:** Ensino a distância. Pandemia. Cultura digital.



Recebido 27/02/2024  
Aceito 20/11/2024  
Publicado 28/11/2024

### COMO CITAR ESTE TRABALHO

**ABNT:** MONACO, R. M. G.; LEYENDECKER, N. N. F.; COCKELL, M. O Ensino Remoto Emergencial Aplicado no Período Pandêmico (2020-2021): uma Proposta Inspirada na Educação a Distância. **EaD em Foco**, v. 14, n. 2, e2244, 2024. doi:doi: <https://doi.org/10.18264/eadf.v14i2.2244>

## **Emergency Remote Teaching Applied in the Pandemic Period (2020-2021): a Proposal Inspired by Distance Education**

### *Abstract*

*This article analyzes the contributions of distance education to emergency remote learning (ERE), a method widely used in the period of the COVID-19 pandemic (2020-2021). Distance education collaborations, a teaching modality already consolidated in the educational field, have adapted to existing school practices and created different demands. The counterpoints of the school space and the virtual space, resources, languages, environment and interaction are shown differently in these non-face-to-face teaching initiatives. Thus, in distance education, actions and practices are foreseen based on didactic planning in different times and spaces, while ERE is characterized as new way of virtualizing the teaching practiced in the classroom. We understand that the advent of new pedagogical virtual contexts has evidenced an urgency to adapt to new technological tools and new materiality, such as screen culture, for example. We will discuss the impact of digital culture on teaching and pedagogical relations, mobilizing challenges in the educational field and in society. To this end, we analyze the discourses (Foucault, 2007) and their representations (Chartier, 1990), based on occurrences in the newspaper O Globo (online), between 03/19/2020 and 03/08/2021, in a challenging and uncertain historical moment, in which digital culture mobilized pedagogical practices.*

**Keywords:** Distance education. Pandemic. Digital culture

## 1. Introdução

Em todo o Brasil, a segunda-feira do dia dezesseis de março do ano de 2020 ficou marcada em nossas memórias. Naquele dia, foram tomadas medidas de restrições de circulação de pessoas nas ruas, juntamente à suspensão de aulas, entre outras providências dos poderes públicos e privados. Todo o comando dos órgãos de saúde girava em torno das manobras que servissem para atenuar tragédias e antecipar estratégias que pudessem representar a contenção do problema que se apresentava. Entretanto, o inevitável já tinha sido identificado com data, local e corpo, desde o final do mês de fevereiro, quando o primeiro caso de COVID-19<sup>1</sup>, em território nacional, foi notificado, no Estado de São Paulo<sup>2</sup>.

A partir desse momento, todas as esferas de atuação dos poderes executivo, legislativo e judiciário, enquanto as instâncias municipal, estadual e federal passaram por algum tipo de adaptação. Devido à gravidade no avanço da doença em âmbito mundial, os ajustes emergenciais necessários ocorridos nos continentes afetados, incluindo na América Latina, ditaram a velocidade com que foram propostas e (im)postas em prática. Em especial, as redes de ensino de todos os segmentos tiveram que se reinventar em questão de dias. Gestores, professores e alunos partiram em busca de novas formas de manter a apren-

1 A COVID-19 é uma doença infecciosa, causada pelo vírus SARS-CoV-2. No fim de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi notificada sobre casos de pneumonia em Wuhan, na República Popular da China. Em janeiro de 2020, as autoridades chinesas confirmaram a identificação do que seria conhecido como o novo coronavírus. Dias depois a OMS declarou que o surto representava uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII), o mais alto nível de alerta. Desde março de 2020, a COVID-19 foi tida, pela Organização, como uma pandemia. Fonte: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19> - Acesso em: 18 mar. 2023.

2 Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/572279> - Acesso em: 02 fev. 2024.

dizagem, mediante à situação adversa. Não obstante umas escolas terem tido mais facilidade do que outras, a recriação do ensino escolar teria que acontecer ou, do contrário, a escola fecharia as portas sem ter-lhe dado uma chance de tentar alguma que impedisse a continuação dos estudos diante do (in)esperado.

Paralelamente e com a mesma velocidade em que o vírus atingiu índices de contaminação alarmantes – em março de 2020 a incidência de Covid-19 por 100 mil habitantes era de 3.652,67 casos, segundo o Painel Coronavírus Brasil<sup>3</sup> – assim também foi a rapidez com que se tentava colocar em cena as providências, na intenção de fazer girar o processo alternativo de ensino-aprendizagem. Essas providências significaram mudanças e ações que, na medida do possível, foram motivos de conversas e de planejamento pelas equipes, administrativas e pedagógicas, responsáveis pelas redes de ensino e escolas. Afinal, eram “850 milhões sem aula, diz UNESCO. Escolas fechadas afetam metade dos alunos no mundo” (*O GLOBO*, 19/03/2020, p. 17), noticiava a manchete.

Na matéria ficou evidente a preocupação da diretoria geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em relação à forma e à proporção que isso poderia tomar. Em suas palavras pronunciava que: “Isto impõe aos países desafios imensos para poder proporcionar um aprendizado ininterrupto a todas as crianças e jovens de maneira equitativa”. Trazendo o sentido das palavras empregadas na notícia, em especial o vocábulo “equitativa”, ao seu emprego aqui no Brasil, nota-se quão distante poderíamos estar da direção dada pelo órgão mundial. Afinal, a desigualdade já era notada na educação brasileira, por exemplo, entre o ensino nas escolas públicas e privadas, muito antes do isolamento social. O sentido de equidade expresso no discurso apresentado, por certo, era a representação de que o alcance do ensino fosse a todos, ininterruptamente, contudo, sem ações concretas em pauta e a contento.

Como apoio aos países, a mesma matéria supracitada, do dia 19/03/2020, abordou a iniciativa da UNESCO na criação de “um grupo de trabalho para proporcionar assessoria e assistência técnica aos governos”; além de ter organizado “reuniões periódicas com os ministros da Educação de todo o mundo para compartilhar experiências e avaliar as necessidades prioritárias”. Em meio a todos os acontecimentos, ocupava a pasta da Educação, à época, o Ministro da Educação Abraham Weintraub, que, envolvido em muitas polêmicas, renunciaria ao cargo no mês de junho daquele ano.

Na mesma reportagem, o periódico informaria que o Ministro da Educação e Cultura (MEC) havia publicado “uma portaria que regulamentava a substituição de aulas presenciais por ensino a distância pelas instituições de ensino superior, enquanto durar a pandemia de coronavírus”. A princípio, o MEC deixaria de fora os cursos de medicina, estágios e práticas laboratoriais. Contudo, “A regra define ainda que caberá às universidades definirem quais disciplinas poderão ser substituídas por educação a distância (EaD), assim como disponibilizarem as ferramentas necessárias para que o conteúdo possa ser transmitido virtualmente”. De norte a sul do país, experiências foram estabelecidas com base em contribuições advindas da educação a distância, modalidade de ensino já instituída e consolidada no cenário educacional.

Nessa seara, cabe-nos acrescentar que a historiografia da modalidade de ensino a distância é reveladora de inúmeras ocasiões em que professores e alunos estiveram em diferentes espaços físicos durante o ensino (Monaco 2017, 2023; Leyendecker, 2019). Nesses casos, as barreiras geográficas foram ultrapassadas, com o objetivo de levar conhecimento e formação, nos mais variados níveis de ensino, às regiões brasileiras mais afastadas dos grandes centros urbanos. Ajustando nossas lentes históricas no campo da EaD, observamos as primeiras transmissões radiofônicas, com os programas educativos promovidos pela Rádio Sociedade Rio de Janeiro (PRA-2), na década de 1920. Sucederam-se na década de 1940, os cursos profissionalizantes por correspondência do

3 Painel Coronavírus Brasil. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br> - Acesso em 02 fev. 2024.

Instituto Universal Brasileiro e até mesmo, pelas ondas do rádio, professores recebiam formação docente em todo o país, por meio das ondas da Rádio Nacional, (PR-8). A partir de 1970, os projetos educativos não presenciais buscaram a formação de jovens e adultos pelo ensino supletivo com iniciativas regionais e nacionais como o Projeto Minerva e o Telecurso.

No entanto, no momento da pandemia, a potencialidade da EaD esbarrou em demandas muito específicas da educação básica, principalmente, no que dizia respeito à sua aplicabilidade na rede pública. Enfim, as adaptações eram propostas e postas em prática por gestores e professores, sem garantias do retorno positivo imediato. Os recursos, linguagens e tipo de interação entre os participantes eram variáveis e se apresentavam diferentes para cada segmento do ensino básico e universitário.

Uma precipitação e também uma confusão por parte do MEC aconteceu ao instituir a possibilidade de as disciplinas poderem ser “substituídas” pela EaD, como se houvesse esta ambivalência apenas trocando o meio físico pelo virtual. Pela definição da EaD cunhado por Moran (2002), diz-se que a “Educação a distância é o processo de ensino-aprendizagem, mediado por tecnologias, no qual professores e alunos estão separados espacial e/ou temporalmente”. Entretanto, para tal processo de aprendizagem acontecer efetivamente, existe uma metodologia balizadora com funções bem determinadas de todos os envolvidos, com material dialógico e apropriado, conforme dita o Decreto nº 9.057/2017<sup>4</sup>.

Os caminhos alternativos traçados pelas redes e instituições de ensino da educação básica e superior trouxeram à baila educacional o ensino remoto emergencial (ERE), uma nova forma de virtualizar o ensino praticado em sala de aula. Com isso, as ações promovidas pelas instituições de ensino no momento da pandemia, pautaram-se na transposição do ensino presencial, para o momento não presencial, também com base nas tecnologias de comunicação e informação e na *internet*.

No ERE, a aula ocorre num tempo síncrono (seguindo os princípios do ensino presencial), com videoaula, aula expositiva por sistema de *web*-conferência, e as atividades seguem durante a semana no espaço de um ambiente virtual de aprendizagem (AVA) de forma assíncrona. A presença física do professor e do aluno no espaço da sala de aula presencial é “substituída” por uma presença digital numa aula *online*, o que se chama de ‘presença social’ [grifos do autor] (Behar, 2020).

Em consonância às diretrizes do Conselho Nacional de Educação (CNE) e Conselho Pleno, a respeito de orientações educacionais para a realização de aulas e atividades pedagógicas no contexto da pandemia (Parecer CNE/CP nº 005/2020), as atividades puderam ser utilizadas como forma de cumprimento da carga horária específica ao nível de ensino. Os direcionamentos homologados pelo MEC para o ensino básico contemplavam atividades pedagógicas não presenciais por meios digitais, como as videoaulas, conteúdos organizados em plataformas virtuais de ensino e aprendizagem, redes sociais, correio eletrônico, blogs, entre outros. A normatização complementava as orientações citando que o meio pelo qual os conteúdos seriam passados poderiam ser “por meio de programas de televisão ou rádio; pela adoção de material didático impresso com orientações pedagógicas distribuído aos alunos e seus pais ou responsáveis; e pela orientação de leituras, projetos, pesquisas, atividades e exercícios” (BRASIL/MEC, 2020).

Nesse cenário, buscamos, em um primeiro momento, analisar os discursos produzidos pela imprensa em relação ao ensino remoto emergencial no primeiro ano de pandemia. Seguindo o ensaio sobre a temática, debruçamo-nos, posteriormente, à observação do ensino, com base no digital, expressou suas nuances no contexto educacional no período pandêmico.

4 Decreto nº 9.057/2017. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/decreto/d9057.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/d9057.htm) - Acesso em: nov. 2023.

## 2. O Ensino pela imprensa: O que contam as notícias sobre a educação?

A abordagem teórica-metodológica engloba a cultura digital, a partir de sua materialidade, compreendida como práticas que constroem as representações (Chartier, 1990) e discursos (Foucault, 2007) que não são neutros e, por isso, se relacionam com as transformações da sociedade (Barros, 2013). Sob essa percepção, tomamos a análise, fontes digitais selecionadas do jornal O Globo, do período de 19/03/2020 a 08/03/2021, relacionadas ao tema educacional, num total de 30 reportagens, a partir das entradas “educação”; “educação a distância”; “ensino”; “remoto”; “aula” e “remota”, em correlação com palavras que dialogavam com o momento histórico como, por exemplo, “quarentena” e “isolamento”.

**Quadro 1:** Seleção de matérias do jornal *O Globo*

Data	Título da matéria	Ocorrências
19/03/2020	850 milhões sem aula, diz UNESCO: escolas fechadas afetam metade dos alunos no mundo	coronavírus; pandemia
06/04/2020	Na sala de casa: pandemia leva 57% dos alunos do ensino médio a terem aulas remotas	aulas remotas; ensino a distância; pandemia
11/04/2020	A Educação pós-pandemia: escolas podem sair fortalecidas da quarentena	coronavírus; ensino a distância; ensino on-line; ensino remoto; quarentena; pandemia
23/04/2020	Sem merenda nem assistência: na rede pública, ensino remoto desampara famílias	coronavírus; ensino a distância; ensino remoto; isolamento social;
31/05/2020	Volta às aulas em debate: propostas vão de apagar a corte de carga horária	atividades pedagógicas não presenciais; ensino remoto; pandemia
01/06/2020	É justo reprovar este ano?	aprendizagem remota; aulas presenciais; educação a distância; pandemia
01/06/2020	Alfabetização em risco: crianças de até sete anos sofrem com a suspensão de aulas	ambiente virtual; meios virtuais, pandemia
07/06/2020	Menos alunos: com evasão e inadimplência setor privado terá onda de consolidação	educação a distância; pandemia
28/06/2020	Sem sinal de volta: mais de 210 mil alunos seguem sem aula em universidades públicas	ensino remoto
28/06/2020	Reconstrução: uma volta às aulas com muitos desafios e pouco dinheiro	aulas presenciais, ensino híbrido; pandemia
28/06/2020	Rotina escolar precisará ser alterada desde a chegada	ensino híbrido; ensino remoto, pandemia
28/06/2020	Escolas se preparam para os desafios da volta às aulas	aulas híbridas; aulas online; ensino híbrido; ensino virtual; flexibilização; pandemia;
05/07/2020	Paradas no século XXI: escolas precisam de álcool em gel contra Covid-19, mas não têm água limpa	aulas remotas; pandemia
06/08/2020	Teste para voltar: estados terão provas para diagnosticar lacunas do ensino remoto público	aulas presenciais; educação a distância; ensino remoto público; pandemia

11/08/2020	Excluídos do ensino remoto: relatório aponta falta de inclusão na pandemia	Educação especial; educação remota; ensino remoto; pandemia, pós-pandemia;
25/10/2020	Desafios para a transição do ano letivo	aula híbrida; ensino a distância forma híbrida; forma remota; pandemia; pós-pandemia
25/10/2020	Cursos adotam o ensino híbrido para o mundo pós-pandemia	aulas online; ensino híbrido; ensino remoto; pós-pandemia
24/01/2021	Ensino à distância terá evolução	ensino a distância; ensino híbrido, pós-pandemia
01/02/2021	Rematrículas, busca ativa, ano extra, vídeo aula: ações para trazer de volta alunos que a pandemia afastou	ensino híbrido; ferramentas online; tecnologias digitais
01/03/2021	Só com 0,04% dos alunos, escola em casa é prioridade	educação domiciliar; ensino híbrido; homeschooling; modelos flexíveis de educação professores a distância;
08/03/2021	País pode perder até 4 anos de aprendizagem na educação básica em 2020	ensino remoto

Fonte: elaborado pelas autoras

De modo geral, as reportagens giraram em torno de assuntos como o fechamento das aulas presenciais e o início do ano letivo, em que as atividades presenciais e sua flexibilização seguiam os critérios dos órgãos sanitários de cada estado, estipulando bandeiras de potencial risco e agravamento (verde, amarela, laranja, roxa e vermelha), durante o período de pandemia. Analisamos, nesse contexto, os discursos no âmbito digital produzidos durante a pandemia com base na educação, que evidenciaram analogias militares e retóricas relacionadas à guerra, no sentido do enfrentamento direto às mazelas, a busca pela vitória na cura, a luta por uma vacina eficaz e a corrida pela sobrevivência<sup>5</sup>.

Foram encontradas, nas matérias disponíveis, o uso de palavras que, de certo modo, apontaram para relações semânticas de determinados discursos na relação fator histórico, cultura material e transmissão de informação, mesclando e interpenetrando umas às outras, a partir de uma arqueologia. Por exemplo, nas matérias de 19/03/2020 a 28/06/2020, enunciados constando: “pandemia”, “educação a distância” e “ensino remoto”; sinalizando os debates relacionados ao isolamento social corrente naquele momento. A partir desta data, com a discussão sobre a flexibilização das aulas, os enunciados utilizaram: “pandemia”, “ensino híbrido”, “ensino remoto”, “educação remota” e “virtual” até as ocorrências em 2021 em que os enunciados abordavam “ensino remoto”, “ensino a distância” e “pós-pandemia”.

Assim realizamos a análise dos discursos apresentados nas matérias a partir de um movimento baseado em Foucault (2007), de um enunciado maior, focando estabelecer familiaridade de pensamento, quando juntas formam uma “rede de marcas”, ou “escamas” que desempenham um papel de conteúdo simbólico relacionando todas elas de modo abrangente, que seria a educação/ensino a distância. As relações entre os discursos e o campo da educação como uma cultura produzida no âmbito digital em tempos de crise, mas também em diálogo com a sociedade em sua abrangência pública, ficou sob análise. Neste movimento, buscamos refletir sobre a multiplicidade desses espaços digitais no campo da educação, no uso de ferramentas que produzem uma realidade e de dados, informações e algoritmos que, de certo modo, são nossos rastros neste ambiente virtual, mas não menos social.

Para Barros (2019, p. 198), informação e opinião são as ordens de discursos trazidas pelos jornais. “A verdade, entretanto, é que o jornal nunca deixou de ser um meio de comunicar ideias e de interferir na

<sup>5</sup> Disponível em: <https://blogs.scientificamerican.com/observations/military-metaphors-distort-the-reality-of-covid-19/> - Acesso em: 30 nov. 2020.

sociedade a que se destina, fosse isso de modo voluntário ou involuntário". Para o autor, "A pretensa objetividade das informações, mesmo na aparente exposição mais pura de dados, vem sempre mesclada às opiniões, escolhas e decisões daqueles que elaboram o discurso jornalístico" (2019, p. 199).

O jornal O Globo, ao trazer uma notícia do tema em questão, por si só, já abarcou um espectro de questões, pois foi preciso problematizar as motivações que levaram uma decisão editorial a dar publicidade ao fato ou informação, conforme De Luca (2005, p. 140). Segundo a autora, o jornal da grande imprensa é capaz de influenciar a vida política, assim, a "Velocidade, mobilidade, eficiência e pressa tornaram-se marcas distintivas do modo de vida urbano e a imprensa, lugar privilegiado da informação e sua difusão, tomou parte ativa nesse processo de aceleração" (2005, p. 137).

### 3. O ERE e o descortinar das invisibilidades na educação

Alguns dados são importantes na direção de entendermos o cenário no qual o país apresentava-se imerso, à época. Por exemplo, de cada cinco brasileiros, um não dispunha do acesso à internet, segundo a Pesquisa por Amostra de Domicílios Contínua - Tecnologia da Informação e da Comunicação (PNAD - TIC/2018). Diante disso, perguntas surgiram no tocante ao acesso e à permanência nas instituições de ensino básico e superior. Como garantir igualdade de condições de acesso e permanência, como prevê a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9394/96, em seu artigo 3º, se o ensino online não alcança a todos? Como poderia o ensino remoto emergencial (ERE) ser tido como a estratégia especialmente elaborada para dar conta da educação nacional, nesse momento?

De acordo com Virgínio (2020), ainda que as plataformas digitais e as atividades por EaD sejam importantes, seus resultados irão variar se levamos em conta os diferentes contextos regionais e locais, além da diversidade (objetiva e subjetiva) das famílias e dos alunos. No entanto, o agravamento da situação econômica influenciada pelo cenário pandêmico conduziu as famílias a experimentarem um ambiente de instabilidade financeira, dentre os quais, a internet pode não ter tido o seu lugar de relevância. Além disso, houve cidades em que o sinal digital não era eficiente, ou não existiam, colocando os estudantes dessas regiões em visível desvantagem em relação ao acesso à educação remota. Logo, o fator econômico também se destacou como uma frente impeditiva do acesso à EaD e ao ensino remoto, centralizados no contato digital pela internet.

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD-COVID-19, 2020), um a cada três estudantes do ensino básico não tiveram acesso ao ensino remoto em julho de 2020. Os dados divulgados mensalmente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) passou a contar com dados de acessos educacionais nos últimos meses de pandemia. Segundo a pesquisa, a população menos favorecida foi a mais afetada, famílias com renda per capita de até meio salário mínimo (24,2%) ficaram excluídas do ensino remoto, enquanto os que não tiveram contato com o ensino remoto em casas com renda, por pessoa, acima de 4 salários, totalizaram 9,5% dos alunos. Esse registro denota os desníveis de acesso ao ensino, acelerando as desigualdades entre os estudantes.

Alertando sobre as desigualdades, agora desnudas, evidenciadas pela pandemia, Boaventura de Sousa Santos (2020), em seu ensaio sobre "A cruel pedagogia do vírus", aponta as invisibilidades possivelmente normatizadas e que entram no cotidiano da sociedade, ao molde do que vem se costurar nas bases do "novo normal", expressão que recai sobre o senso comum nas atividades de trabalho, saúde, educação e convívio mútuo. Segundo "as sociologias das ausências" (Sousa Santos, 2020, p. 8), "Uma pandemia desta dimensão provoca justificadamente comoção mundial. Apesar de se justificar a dramatização, é bom ter sempre presente as sombras que a visibilidade vai criando".

A partir desse aspecto, observamos que o ensino colocado como meio de dar continuidade ao processo de escolarização de jovens e adolescentes pelas redes públicas de ensino, que centralizaram suas

ações no contato digital, pode deixar de visualizar situações reais de um cenário no qual estudantes e suas famílias ficaram à margem do acesso ao conhecimento. O fato de os sistemas de ensino implementarem o ensino remoto em ambientes virtuais de aprendizagens colocava à sombra de uma solução emergencial generalizada, complexidades reais de alunos e famílias, que não eram por ela contemplados.

A materialidade do mundo digital afetou a prática docente em suas metodologias e evidenciou questões preocupantes na educação, especialmente as desigualdades sociais. As práticas de ensino acompanharam os novos desafios e a cultura digital tornou-se parte do campo da educação em um momento desafiador e de urgência mobilizada por um cotidiano de exceção. Atualmente, refletimos sobre essas experiências vivenciadas e as práticas pedagógicas desenvolvidas ou interpeladas por novas questões. Dentre elas, como os avanços tecnológicos e suas ferramentas tensionam, por exemplo, o que entendemos como escola e ensino.

A saber, a escola moderna ocidental que conhecemos foi estruturada pelo livro impresso, devido à expansão da cultura letrada a partir do surgimento da tipografia, em meados do século XVI. Para alguns autores, a forma escolar se estruturou pelo livro impresso, que não deixa de ser uma tecnologia da comunicação. Dentre eles, Vincent, Lahire e Thin (2001, p. 13), que definem como forma escolar qualquer outra relação social que “instaura um lugar específico distinto dos lugares onde se realizam as atividades sociais: a escola”; e a separação fundamental do espaço/tempo escolar e o que são os tempos e os espaços que regem a vida doméstica e a vida social.

Desse modo, é possível refletir a forma escolar instituída pelo livro impresso que experimenta novos suportes tecnológicos e relações pedagógicas na transposição para a cultura de tela, como a não especificação do espaço/tempo com a vida social, espaço doméstico e relação entre aparatos e ferramentas tecnológicas como internet e conexão, por exemplo. Afinal, as aulas remotas não são um espelhamento das presenciais para um dispositivo digital, o ambiente escolar presencial possui espaço e tempo próprios.

O mundo digital transformou as dinâmicas escolares e nos levaram a pensar acerca das relações pedagógicas que podem constituir o desenvolvimento de novas formas, antes desconhecidas. Essas puderam ser de natureza social no ambiente escolar, nas práticas pedagógicas e no desenvolvimento da educação pelo impacto da cultura digital, como a materialidade e os desdobramentos sobre a forma escolar, de acordo com o contexto trazido pela pandemia.

Chartier (2002, p. 113) destaca a importância da materialidade do artefato, no caso, do rolo para o códex, até os dias de hoje, do livro para a tela em suas relações na escrita e leitura. O autor destaca que a chegada das novas tecnologias da informação alterou a técnica da produção de textos, o suporte da escrita e suas práticas de leitura. Sendo assim a noção de contexto e construção de sentido permite acompanharmos uma mutação do documento digital e o seu tratamento como produto cultural. A materialidade oferece elementos que configuram os limites do fazer humano, em dimensão e volume, isto é, interferem em como nos apropriamos dele, transformando-os.

No mundo digital ainda permanece a cultura escrita, no entanto com o uso da tela, dentre outras estratégias de comunicação e de ferramentas para leitura. Assim, não é apenas discutir o papel dos livros, mas seu uso no ambiente digital. Por isso, podemos dizer que a materialidade digital está relacionada à produção de cultura e constroem discursos. A intencionalidade desses discursos produzidos digitalmente reflete um modo de potencializar determinado produto cultural rapidamente utilizando os recursos da tecnologia já conhecidos.

Podemos notar pontos que relacionam o significado do conteúdo nas recorrências e suas respectivas escolhas, especialmente se levarmos em consideração que se trata de uma fonte disponível em um acervo digital. As ocorrências do termo “pandemia” se mostram presentes até agosto de 2020, quando também é referenciado “pós-pandemia” acompanhando a discussão relacionada à possibilidade de retomada presen-

cial das aulas. Entre março até início de junho de 2020, o termo “aulas remotas” é relacionado com “ensino a distância”, sendo incorporado no final do mês de junho “ensino híbrido”, somados em algum momento com “ensino *online*” e “*virtual*”. Destacamos ainda a ocorrência na reportagem de 01/03/2021, próxima ao início do ano letivo de retorno à “normalidade”, em que o termo “ensino híbrido” é referenciado como a “educação domiciliar” e o “*homeschooling*”. Um debate político e ideológico naquele momento foi travado, como um modo flexível de democratizar a educação, muito criticado ao ser considerada para a realidade brasileira.

Podemos destacar dois pontos relevantes, primeiramente, em relação aos títulos das matérias selecionadas, às datas e às palavras destacadas nas ocorrências, seguindo a proposta de um enunciado maior e sua rede de marcas (Foucault, 2007), que traçam um panorama dos encadeamentos do debate em torno da educação e suas propostas diante da pandemia. O segundo ponto nos leva a refletir sobre como estas ações pedagógicas, como “ensino a distância”, “ensino remoto”, “ensino híbrido”, por exemplo, são pautadas por uma proximidade dos conceitos, sem muita diferenciação. Neste sentido, o entendimento das especificidades do ensino virtual pode ser tomado como a mesma experiência.

Vale ressaltar a distinção destes termos, o ensino a distância é, num sentido amplo, referente a um modelo de educação que utiliza das tecnologias para o ensino e aprendizagem a partir de uma metodologia e didática planejada e consolidada pedagogicamente em suas teorias e práticas nos momentos síncronos ou assíncronos de modo institucional. É parte dela, o ensino remoto, como uma opção que facilita a reprodução dos conteúdos a distância, utilizando a tecnologia e os recursos digitais, baseado no presencial, como as aulas virtuais adotadas no ensino remoto emergencial, por exemplo. E o ensino híbrido, que combina a aprendizagem presencial e a distância combinando o espaço físico e o digital de forma integrada e ativa, em que as duas modalidades se complementam, permitindo a flexibilidade oferecida pelos recursos tecnológicos e a interação das atividades presenciais, inclusive com os professores.

Nos meses de março e abril de 2020, quando o isolamento social se tornou uma realidade na maioria das atividades, podemos perceber a preocupação em torno do fechamento das escolas e como o ensino poderia ser viabilizado pela tecnologia disponível, mas não igualitária. Nos meses seguintes, o debate se concentrou em como pandemia ou até mesmo a pós-pandemia afetaria a escola e suas práticas, em meio à crise sanitária que persistiu, desencadeando crises políticas, econômicas e sociais. Vale destacar a ocorrência de 25/10/2020, em que cursos particulares de idiomas destacam o aperfeiçoamento do ensino híbrido e de 21/01/2021, em que é ressaltada a evolução do ensino a distância e do ensino híbrido (uma matéria encomendada pelo conteúdo de marca do jornal), ambas mobilizam como referência uma realidade de uma parte privilegiada da população com disponibilidade de acesso as tecnologias.

Por isso, é necessário pensar a materialidade digital, além da composição de seus discursos, mas também o modo, isto é, a forma e conteúdo de como são produzidos documentos ou fontes; e os meios. No primeiro caso, é preciso levar em consideração a diferenciação de documentos ou fontes digitalizados a partir de um material físico não digital e aqueles nascidos digitalmente. A tela é uma materialidade, mas em se tratando de ambientes virtuais, os *templates* também produzem formas e conteúdo específicos e impactam em sua difusão e recepção. Em relação à materialidade dos meios, refere-se à configuração de programação, em que se definem as possibilidades de algoritmos e estruturas de sentido e lógicas de programação de *software* realizada por desenvolvedores, mas que possuem um pensar sociológico e que também pode ser analisado historicamente, pois não são escolhidos de forma neutra, já que são organizados pelas escolhas dos sujeitos que elaboram os sistemas.

A humanidade digital e a cultura material gerada a partir da tela é ordenada em dados em um ambiente de estruturas existentes; a datificação da vida, do cotidiano, isto é, de nossas práticas sociais, num ambiente matematizável. Segundo Mounier (2018), o digital é resultado de uma representação lógica do mundo em dados ordenados num ambiente virtual, num repositório de informações, em que a experiência humana pode ser resumida em algoritmos. Trata-se de uma concepção que assume riscos de críticas especialmente no que o autor entende como ser humanista nesta representação.

## 4. Considerações Finais

Na cultura digital, novas implicações tornaram-se relevantes para a educação a partir do momento em que suportes tecnológicos fizeram parte de uma materialidade, evidenciado especialmente a partir da pandemia. Esta materialidade consiste nos novos limites oferecidos pelos ambientes virtuais e seus suportes, como espaços demarcados pela tela, ampliados em seus recursos de mídia e acesso. Além do próprio entendimento do que seria digital: criação, produção, acesso a materiais e levando em consideração a materialidade dos meios e todos os seus recursos específicos.

Neste trabalho, buscou-se contribuir para o debate, problematizando a cultura digital não só pela ideia de crise, mas pelo seu impacto na educação, na escola e como ela se coloca na sociedade e constitui inovações na forma escolar e na democratização. A cultura digital não é reduzida a apenas transferir práticas analógicas às virtuais. Neste sentido, os recentes desafios evidenciaram muitas demandas em torno desta temática, além de destacarem o quanto de investimentos são necessários ao debate no campo social, político e pedagógico, que não se restringe a suporte tecnológico, mas à realidade escolar do país.

Mesmo que a base do ensino retomo emergencial no Brasil tenha se dado sobre uma estrutura virtual, tendo em seu início, como base referencial o êxito do ensino a distância, os estudantes que a ele não acesavam, não poderiam estar à sombra, invisibilizados por uma solução que não alcançasse a todos. Nesse aspecto, a reflexão sobre humanidades digitais e a sua cultura material se torna relevante, especialmente se pensarmos no sentido dos aparatos que a compõem, ou seja, a tela e a informática como ferramentas de um trabalho intelectual. O arquivo digital, as fontes digitalizadas, o encadeamento de informação deduzível, o suporte da tela, isto é, o computador, a plataforma e o seu conteúdo compõem uma materialidade digital com suas especificidades.

Tais usos da tecnologia atualmente mobilizam e são parte do campo da educação em diferentes frentes nas práticas pedagógicas, investigações acadêmicas e de ensino e aprendizagem. A problematização do seu impacto e os desafios trazidos pela cultura digital na educação ainda carecem de necessária discussão no campo, preparo ético e diálogo com a sociedade, também no âmbito político para uma democratização e ampliação de oportunidades de ensino.

## Biodados e contatos dos autores



**MONACO, R. M. G.** é doutora em Educação (PROPED) e Mestra em Educação (FFP), ambos programas da UERJ; Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão de Ensino a Distância (LANTE/UFF). Graduada em Educação Física e Pedagogia pela UERJ. Pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em História da Educação e Infâncias (NIPHEI); Docente em Educação Física no ensino básico no Centro de Educação de Jovens e Adultos na unidade Niterói/RJ e integrante da Rede CEJA (SEEDUC-RJ/CECIERJ).

**ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-6865-4906>

**E-mail:** [rosamonacoprofa@gmail.com](mailto:rosamonacoprofa@gmail.com)



**LEYENDECKER, N. N. F.** é doutoranda e mestra em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, ambos pelo Programa de Pós-graduação em Educação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão de Ensino a Distância pelo Laboratório de Novas Tecnologias Educacionais na e em Leitura, Interpretação e Produção de Textos pela UFF. Graduada em Letras, Português/Literatura, pela UERJ. Pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em História da Educação e Infâncias (NIPHEI). Professora de Língua Portuguesa e Literatura na rede municipal de ensino e tutora nas disciplinas de Fundamentos da Educação da UERJ dos cursos de Licenciatura no consórcio CEDERJ.

**ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-8725-4534>

**E-mail:** nielyfreitas@yahoo.com.br



**COCKELL, M.** é doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestra em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Mestra em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Atua na área de Educação, Literatura, Tradução e Linguagem. Membro do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em História da Educação e Infância (NIPHEI).

**ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-9453-9394>

**Email:** marcelacockell@hotmail.com

## Referências Bibliográficas

- ALFANO, B.; FERREIRA, P. 850 milhões sem aula, diz UNESCO: escolas fechadas afetam metade dos alunos no mundo. **O Globo**. Rio de Janeiro. 19/03/2020. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com> - Acesso em: 19 ago. 2020.
- ALFANO, B. Volta às aulas em debate: propostas vão de apagar a corte de carga horária. **O Globo**. Rio de Janeiro. 31/05/2020. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com> - Acesso em: 31 jan. 2024.
- ALFANO, B. Reconstrução: uma volta às aulas com muitos desafios e pouco dinheiro. **O Globo**. Rio de Janeiro. 28/06/2020. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com> - Acesso em: 31 jan. 2024.
- ALFANO, B. Só com 0,04% dos alunos, escola em casa é prioridade. **O Globo**. Rio de Janeiro. 01/03/2021. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com> - Acesso em: 31 jan. 2024.
- ALFANO, B. País pode perder até 4 anos de aprendizagem na educação básica em 2020. **O Globo**. Rio de Janeiro. 08/03/2021. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com> - Acesso em: 31 jan. 2024.
- ALFANO, B.; SOUZA, R. Na sala de casa: pandemia leva 57% dos alunos do ensino médio a terem aulas remotas. **O Globo**. Rio de Janeiro. 06/04/2020. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com> - Acesso em: 19 ago. 2020.
- ALFANO, B.; KAPA, R. Sem sinal de volta: mais de 210 mil alunos seguem sem aula em universidades públicas. **O Globo**. Rio de Janeiro. 28/06/2020. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com> - Acesso em: 19 ago. 2020.
- ALFANO, B.; KAPA, R. Rotina escolar precisará ser alterada desde a chegada. **O Globo**. Rio de Janeiro. 28/06/2020. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com> - Acesso em: 31 jan. 2024.
- ALFANO, B.; SETUBAL, Y.; LUIZ, W. Paradas no século XXI: escolas precisam de álcool em gel contra Co-

- vid-19, mas não têm água limpa. **O Globo**. Rio de Janeiro. 05/07/2020. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com> - Acesso em: 31 jan. 2024.
- ABERTMAN, I. Menos alunos: com evasão e inadimplência setor privado terá onda de consolidação. **O Globo**. Rio de Janeiro. 07/06/2020. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com> - Acesso em: 19 ago. 2020.
- AMORIM, S.; KAPA, R. Teste para voltar: estados terão provas para diagnosticar lacunas do ensino remoto público. **O Globo**. Rio de Janeiro. 06/08/2020. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com> - Acesso em: 31 jan. 2024.
- BARROS, J. **O campo da história: especialidades e abordagens**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BARROS, J. O uso dos jornais como fontes históricas. In: **Fontes Históricas: introdução aos seus usos historiográficos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- BEHAR, P. A. **O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância**. UFRGS. Programas de pós-graduação em Educação e em Informática na Educação. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia> - Acesso em: ago. 2020.
- BOTO, C.; PALHARES-BURKE, Maria L. G. (org). **Cultura Digital e Educação**. São Paulo: Contexto, 2023.
- BRASIL. Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017. Regulamenta o Art. 80 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, Edição 110, Seção 1, 25 maio 2017.
- BRASIL. **Ministério da Educação e Cultura**. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19, 2020. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category\\_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192) - Acesso em: ago. 2020.
- BRASIL. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD-COVID-19**, 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/27947-divulgacao-mensal-pnad-covid2.html?edicao=28636&t=destaques> - Acesso em: ago. 2020.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
- CHARTIER, R. **A História cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- CHARTIER, R. **Os desafios da escrita**. São Paulo: UNESP, 2002.
- ENSINO a distância terá evolução. **O Globo**. Rio de Janeiro. 24/01/2021. Caderno Perspectiva 2021 G. Lab – Estudo de Branding e conteúdo para marcas. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com> - Acesso em: 31 jan. 2024.
- FERREIRA, P.; PORTINARI, N. Sem merenda nem assistência: na rede pública, ensino remoto desampara famílias. **O Globo**. Rio de Janeiro. 23/04/2020. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com> - Acesso em: 19 de ago. 2020.
- FERREIRA, P. Alfabetização em risco: crianças de até sete anos sofrem com a suspensão de aulas. **O Globo**. Rio de Janeiro 01/06/2020. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com> - Acesso em: 31 jan. 2024.
- FERREIRA, P. Excluídos do ensino remoto: relatório aponta falta de inclusão na pandemia. **O Globo**. Rio de Janeiro. 11/08/2020. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com> - Acesso em: 31 jan. 2024.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, p. 23-61, 2007.

- FURLANETO, A. A Educação pós-pandemia: escolas podem sair fortalecidas da quarentena. **O Globo**. Rio de Janeiro. 11/04/2020. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com> - Acesso em: 19 ago. 2020.
- GOIS, A. É justo reprovar este ano?. **O Globo**. Rio de Janeiro. 01/06/2020. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com> - Acesso em: 31 jan. 2024.
- LEYENDECKER, N. N. de F. **Universidade do Ar: nas ondas do rádio se formam os professores secundaristas (1941- 1944)**. Dissertação (Mestrado em Educação). 2019. Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. São Gonçalo, 2019.
- MONACO, R. M. G. **Eu quero saber mais, eu preciso saber mais: O Projeto Minerva está no: Ensino supletivo de 1º grau para além das ondas do rádio (1970-1979)**. Tese (Doutorado em Educação). 2023. Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2023.
- MONACO, R. M. G. **O Centro de Estudos Supletivos de Niterói: uma proposta para Educação de Jovens e Adultos (1976-1986)**. Dissertação (Mestrado em Educação). 2017. Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. São Gonçalo, 2017.
- MORAN, J. **O que é educação à distância**. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/dist.pdf> - Acesso em: ago. 2020.
- MOUNIER, P. **Les humanités numériques**. Paris: FMSH Éditions, 2018.
- MOURÃO, G. Cursos adotam o ensino híbrido para o mundo pós-pandemia. **O Globo**. Rio de Janeiro. 25/10/2020. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com> - Acesso em: 31 jan. 2024.
- NEDER, L. Escolas se preparam para os desafios da volta às aulas. **O Globo**. Rio de Janeiro. 28/06/2020. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com> - Acesso em: 31 jan. 2024.
- NEDER, L. Desafios para a transição do ano letivo. **O Globo**. Rio de Janeiro. 25/10/2020. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com> - Acesso em: 31 jan. 2024.
- NIKLAS, J. Rematrículas, busca ativa, ano extra, vídeo aula: ações para trazer de volta alunos que a pandemia afastou. **O Globo**. Rio de Janeiro. 01/02/2020. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com> - Acesso em: 31 jan. 2024.
- SANTOS, B. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.
- VINCENT, G.; LAHIRE, B.; THIN, D. Sobre a história e a teoria da forma escolar. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, n. 33, p. 7-47, 2001.
- VIRGINIO, A. S. **Educação, Desigualdade e COVID-19**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ifch/index.php/br/educacao-desigualdade-e-covid-19> - Acesso em: ago. 2020.